

**Projeto:** Entre a Casa, as Ruas e as Instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da Produção Acadêmica sobre Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes (2000-2021)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## Ficha

1) Referência – SILVA, Jhonathan Roger Levino Alencar da; PEREIRA, Veronica Aparecida; DONATO, Millena Lima. Habilidades sociais e acadêmicas de crianças e adolescentes em instituições de acolhimento. Psicologia, Ciência e Profissão, Brasília, v. 41, n. 4, 2021.

2) Resumo e Palavras-Chave – Considerando que habilidades sociais (HS) podem ser preditoras de bom desempenho escolar e que crianças e adolescentes com longo tempo de permanência em instituições tendem a apresentar dificuldades escolares, buscou-se, no presente estudo, comparar HS, problemas de comportamento e desempenho escolar entre crianças/adolescentes com e sem histórico de acolhimento institucional. Participaram do estudo 36 crianças/adolescentes divididas em dois grupos: G1, composto por 18 crianças/adolescentes de três instituições de acolhimento do interior do estado do Mato Grosso do Sul, e G2, composto por 18 crianças/adolescentes sem histórico de acolhimento e do mesmo contexto escolar; além de seus respectivos docentes. Todos os estudantes responderam a inventários de HS, conforme a idade e ao Teste de Desempenho Escolar (TDE). Os professores responderam a duas escalas: uma de HS e uma de problemas comportamentais. Para o G1, maiores índices de habilidades sociais foram correlacionados a bom desempenho em leitura e problemas de comportamento foram correlacionados a índices mais baixos nos escores totais do TDE. Para o G2, maiores índices de habilidades sociais correlacionaram-se a melhor desempenho em matemática no TDE. Os participantes do G2 perceberam-se mais habilidosos que os do G1, apesar de os professores terem percebido as habilidades sociais de ambos os grupos como semelhantes. Em relação aos problemas de comportamento, os professores indicaram diferenças significativas, com maiores índices para o G1. Os dados sugerem intervenções junto aos professores para que possam reforçar comportamentos habilidosos de seus alunos, favorecer o autoconceito e o desempenho escolar.

Palavras-Chave: crianças institucionalizadas; acolhimento; habilidades sociais; desempenho escolar.

3) Objetivo do estudo – Comparar habilidades sociais, problemas de comportamento e desempenho escolar entre crianças/adolescentes com e sem histórico de acolhimento institucional.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Foi proposto um delineamento de estudo quase-experimental, com 36 crianças e adolescentes em duas condições: 18 participantes do Grupo 1 (G1) convivem na instituição de acolhimento; 18 participantes do Grupo 2 (G2) convivem com suas famílias. O critério de inclusão para G1 foi o período de acolhimento, de forma que foram selecionados aqueles que estavam acolhidos por tempo igual ou superior a um ano. Para composição de G2, foi estabelecido um par da mesma sala de aula, do mesmo sexo e idade semelhante. A população foi selecionada em duas cidades do interior do Mato Grosso do Sul.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – Os resultados dos instrumentos foram organizados em tabelas e, com a utilização do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, versão 23), realizou-se estatística descritiva e testes não paramétricos em função da dimensão e da distribuição da amostra. Foram utilizados os testes Mann-Whitney U e Wilcoxon W para comparação e o teste de correlação de Spearman.

8) Resultados / dados produzidos – Em relação às habilidades sociais, avaliadas pelos escores gerais dos instrumentos, observou-se que as pontuações do G2 foram superiores tanto para os adolescentes quanto para as crianças. Porém, as diferenças significativas apontam para melhor autoavaliação das crianças sem histórico de institucionalização, mesmo quando seus professores não percebem diferenças significativas nessa direção. As crianças de G1, na visão do professor, se mostraram habilidosas para interações sociais que envolvem os comportamentos de elogiar, além de se reconhecerem competentes para mediar conflitos. Os adolescentes foram bem avaliados em tarefas coletivas. O G2 se mostrou mais habilidoso para cumprimentar pessoas espontaneamente e demonstrar afetos. Verificou-se uma contradição na percepção dos professores, pois, ao relatarem comportamentos socialmente habilidosos, fazem-no sem diferenças significativas entre os grupos. Em relação aos problemas de comportamento, o G1 apresenta significativamente mais problemas que o G2. A maior parte desses comportamentos são do tipo externalizante (1, 3, 4, 5, 8, 10 e 21), com apenas um internalizante (9) e um somático (1). Os resultados observados na avaliação do TDE para as atividades de escrita, leitura e aritmética indicaram que os escores do G1 foram maiores apenas na área de aritmética. A comparação estatística entre os grupos, por meio do teste Wilcoxon, indicou diferença estatística na área total a favor de G2. Os resultados do TDE foram correlacionados aos indicativos de comportamento socialmente aceito e aos problemas de comportamento (na visão dos professores) e aos indicativos de habilidades sociais apontados pelas crianças e adolescentes. Para os participantes do G1, observou-se correlação positiva entre leitura e indicativos de comportamento socialmente aceito, na visão do professor, e entre leitura e comportamentos habilidosos, pela autoavaliação dos adolescentes (ISHA). Para o G2, as crianças que se avaliaram melhor em relação às habilidades sociais tiveram melhor desempenho em aritmética. As correlações negativas foram relacionadas a problemas de comportamento. Problemas de comportamento apontados pelos docentes, a partir da EIPC, foram negativamente associados aos escores totais de desempenho escolar, avaliados pelo TDE, indicando pior desempenho de estudantes com problemas de comportamento. As crianças com histórico de baixo desempenho escolar tiveram significativamente

escores mais altos para problemas de comportamento. Nessa direção, há indicativos de que alunos com controle emocional insuficiente demonstraram maior dificuldade em socializar com colegas e professores, o que pode acarretar seu insucesso acadêmico e, posteriormente, uma saída prematura da escola. Quanto ao desempenho escolar, houve diferença significativa entre os grupos apenas para os índices gerais, a favor de G2. Porém, mesmo sem diferenças significativas, as médias foram maiores em leitura e escrita para G2 e em aritmética para G1. Contudo, há de se considerar que o estudo contempla um número limitado de sujeitos para comparações intragrupos. Na instituição, a mãe social não conseguiria proporcionar aos acolhidos, de forma individualizada, o desenvolvimento de todas as habilidades necessárias. Outra dificuldade está relacionada à questão do afeto.

9) Recomendações – Embora o presente estudo não possa ser amplamente generalizado, por se tratar de uma amostra pequena com dados apenas de duas cidades do Mato Grosso do Sul, os dados sugerem a importância de se atuar nas escolas, junto a educadores, em prol de uma postura mais inclusiva em relação às crianças adotadas ou que vivenciam a experiência de acolhimento. As reflexões podem ser estendidas a todas as pessoas que integram o sistema escolar, favorecendo práticas educativas que respeitem o diferente e possibilitem condições de equidade e respeito. Outros estudos poderão trabalhar com populações maiores, o que viabilizaria análises.

10) Observações e destaques – Considerando que a permanência nas casas de acolhimento não deve ultrapassar o período de 18 meses, conforme previsto pelo ECA (Lei nº 8.069/1990) e suas revisões da lei de adoção (Lei nº 12.010/2009; Lei nº 13.509/2017), percebe-se que esse período é longo para a vida de uma criança ou adolescente. No caso das crianças acolhidas, mesmo que sejam avaliadas como habilidosas, há problemas de comportamento (preconceituosos ou não) que ainda se apresentam como variáveis que se interpõem ao desempenho acadêmico nas áreas de leitura e escrita. Entre os estudos já desenvolvidos, como os descritos por Epifânio e Gonçalves (2017), ainda permeiam atitudes preconceituosas e discriminatórias em relação a crianças institucionalizadas. Essas atitudes podem favorecer a disseminação de práticas excludentes, que, além de não colaborar com a efetivação dos direitos da criança e do adolescente, podem reforçar, para o próprio acolhido, a crença em seus insucesso e impossibilidade de construção de uma nova história que lhe possibilite pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.